

**Conhecendo a realidade dos catadores de materiais recicláveis da Vila
Dique: visões sobre os processos de saúde e doença***
**(Knowing the reality of the recyclers material collectors in Dique's Slum:
visions concerning sickness and health processes)**

Inez Rocha Zacarias*
Caren Serra Bavaresco**

Resumo – Considerando as transformações ocorridas no mundo do trabalho e o crescimento expressivo do desemprego, muitos trabalhadores encontraram na reciclagem a possibilidade de garantir o sustento de suas famílias. Vista a precariedade do processo de trabalho e a situação de exclusão social em que se encontram, muitos são os aspectos que perpassam o processo de saúde/doença destes trabalhadores. Portanto, se faz necessário que os profissionais dos serviços de saúde, especificamente da atenção primária, se apropriem desta realidade e conheçam a visão destes sujeitos sobre a produção de saúde/doença, para evidenciá-la e proporcionar um olhar ressignificado, qualificando as ações em saúde. Este artigo está baseado na pesquisa realizada com os catadores de materiais recicláveis da Vila Dique, comunidade localizada na região noroeste de Porto Alegre, território de abrangência da Unidade de Saúde Santíssima Trindade, que teve como objetivo principal conhecer a visão destes trabalhadores, sem vínculos previdenciários, com relação a aspectos do processo de saúde e doença. Dos 10 entrevistados, todos relataram situações de doença, violência e acidentes de trabalho, muitas relacionadas diretamente à situação degradante de trabalho que realizam.

Palavras-chave – Trabalho informal. Catadores de materiais recicláveis. Processos de saúde/doença.

Abstract – Considering the changes in the working world and significant growth in unemployment, many workers found themselves in recycling the power to ensure the sustenance of their families. Since the precariousness of the work process and the situation of social exclusion in which they are, many are the issues that permeate the process of health / disease such workers. Therefore, it is necessary for professional health services, especially primary health care, have taken the reality and know the vision of these subjects on the production of health / disease, to highlight it and provide a look new meaning, describing the actions in health. This study was built from the research conducted with the workers recyclable materials from the Vila Dique, community located in the northwest of Porto Alegre, territory of coverage of Unidade de Saúde Santíssima Trindade.

Key words – Work informally. Workers recyclable materials. Processes of health/ disease.

• Artigo recebido em 03.08.2009. Aprovado em 03.12.2009.

* Integrante da Equipe Técnica Responsável pelos Programas de Saúde do Município de Sapucaia do Sul/RS – Brasil. Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Residência Integrada em Saúde pelo Grupo Hospitalar Conceição (RIS/GHC). E-mail: inezpoa@yahoo.com.br.

** Odontóloga do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição e Preceptora da Residência Integrada em Saúde (RIS/GHC), Porto Alegre/RS – Brasil. Graduada em Odontologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Odontologia em Saúde Coletiva (ABO-RS), Mestre em Ciências Biológicas (Bioquímica) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004), e Doutor em Bioquímica (UFRGS).

Introdução

Para compreender o sentido do trabalho para os catadores de matérias recicláveis, é imprescindível localizar, no contexto atual, a temática do trabalho. Estão presentes na singularidade do trabalho com reciclagem todas as transformações oriundas das mudanças ocorridas no mundo do trabalho.

Para Pochmann (2007), passamos por um momento de grande crise no campo do emprego, devido a importantes mudanças ocorridas nos últimos anos na área da economia mundial. Para este autor, estamos no período da mundialização das economias, que é caracterizado pela expansão de divisas das empresas que monopolizam o mercado mundial.

Entre os anos de 1974 e 1975, ocorreu uma forte onda recessiva em que a expansão do capitalismo, iniciada no Pós-Segunda Guerra Mundial, encontrou o seu limite. Como medida de enfrentamento a esta crise, desencadeou-se uma reestruturação no processo de produção, objetivando o aumento das taxas de lucro. Com sua centralidade na expansão dos lucros, estas empresas, devido à forte concorrência, criaram estratégias para sobreviver neste sistema, encontrando na redução de custos em relação ao processo de produção uma alternativa para voltar ao crescimento. Além disso, muitas empresas tornaram-se transnacionais, buscando, em países periféricos, mão de obra barata, incrementando a exploração do trabalho via flexibilização e precarização do processo produtivo (SERRA, 2006).

Outro aspecto importante a ser reconhecido é o avanço tecnológico no processo de produção e desenvolvimento do capitalismo, o que permitiu ao capital desenvolver e estabilizar um exército industrial de reserva permanente, fator essencial para avançar numa maior dominação sobre a força de trabalho e numa maior imposição de seus interesses (POCHMANN, 2007). Tal avanço tecnológico e científico, se por um lado requereu uma mão de obra mais qualificada e com nível mais alto de escolaridade, por outro liberou enormes forças de trabalho que passaram a se deslocar e buscar atividades de menor qualificação profissional, com remuneração baixa e com a presença constante da instabilidade.

Esta disputa desenfiada pela expansão de lucros e a implantação das políticas chamadas neoliberais, teve como consequência um reordenamento significativo do mercado de trabalho. A formalidade que até então era característica dos contratos de trabalho, foi substituída pela informalidade, pela terceirização, pelo subcontrato, entre outras modalidades nas quais é peculiar a ausência de direitos. O trabalhador nunca sofreu com tanta insegurança, como indicam os dados sobre a situação mundial. Estima-se que 3 bilhões de pessoas vivam com sua capacidade de trabalho subutilizada, ou seja, um a cada três trabalhadores encontra-

se na situação de desemprego ou exercendo atividades de sobrevivência, em síntese, em condição disfarçada de desemprego (subemprego) (POCHMANN, 2007). Ainda para o mesmo autor, a situação do trabalhador brasileiro também é preocupante, pois com o baixo crescimento da economia na década de 90, os índices de ocupação só têm aumentado no setor informal da economia, ao contrário de períodos anteriores.

Diante deste quadro, observa-se o aumento da exclusão social de uma parte numerosa e significativa da população e o acirramento da desigualdade social já tão enraizada em nossa sociedade. Uma massa de trabalhadores tem identificado no trabalho informal a possibilidade de garantir sua sobrevivência, mesmo que isso signifiquem jornadas intermináveis, desproteção de políticas previdenciárias, condições de trabalho muitas vezes insalubres (sem estabilidade, sem salário fixo, sem FGTS, sem férias...). Algumas destas ocupações são compostas de particularidades tão distantes do trabalho dito tradicional, que alguns autores dizem que as mesmas não passam de uma forma mascarada de representação do desemprego (CAMPOS, 2001).

Lixo: uma alternativa de sobrevivência

O trabalho de catador surgiu primeiramente no início do século XX, na figura do garrafeiro (JUNCA, 2004). Porém, o inchaço desta atividade se deu nos últimos anos. Se por um lado havia o desemprego, do outro a possibilidade de transformar aquilo que a sociedade despreza em matéria-prima para o trabalho e, conseqüentemente em dinheiro. Reciclar e transformar lixo em riqueza são necessidades derivadas de muitos aspectos como coloca Juncá (2004). Entre estes, podemos citar dois de extrema relevância: a problemática enfrentada pelas cidades referente ao destino a ser dado ao montante de dejetos produzidos e a consequência ambiental que a falta de soluções práticas vem provocando; e a segunda, a possibilidade de transformar o lixo em lucratividade, principalmente para o setor industrial.

A aceleração do processo de industrialização, a exploração desenfreada de recursos naturais e a urbanização são alguns fatores que têm provocado grandes discussões que vão desde a busca de formas para amenizar a situação caótica das cidades até quais são os limites da exploração humana do planeta. Ainda para mesma autora, em nome de um novo estilo de vida e desenvolvimento, muito se mudou na relação entre o homem e a natureza. São produzidos e consumidos novos produtos, de forma desenfreada e desregulada, e o que sobra deste consumo não tem tido destino certo e adequado (JUNCA, 2004).

Infelizmente este processo acelerado de “produção” de lixo não tem recebido respostas rápidas como deveria por parte do poder público, apesar dos riscos já comprovados ao meio ambiente e também à saúde pública. A responsabilidade do ponto de vista legal na implementação de políticas para esta área é dos municípios, porém 76% deles, no Brasil, ainda depositam seus resíduos em lixões sem nenhum tratamento ou seletividade prévia (GONÇALVES, 2004).

Do ponto de vista econômico, algumas empresas do campo industrial têm reconhecido nos resíduos sólidos uma possibilidade de aumento em seus ganhos. O que até então era somente lixo, algo que já foi descartado, ao passar por um processo de transformação, a este é agregado um novo valor, que pode retornar ao mercado para ser reutilizado. Apesar desta constatação, ainda é um mercado pouco explorado, mas certamente em expansão como mostram alguns dados encontrados em Juncá (2004): “R\$ 3 bilhões/ano é o valor movimentado atualmente na atividade da reciclagem de produtos pós-consumo, considerando apenas os cinco grandes grupos de materiais recicláveis [...]”.

Frente ao exposto, se faz necessário conhecer a visão dos catadores de materiais recicláveis sobre o processo de saúde e doença, vista a precariedade do trabalho que desenvolvem e a falta de acesso a políticas públicas de proteção social. O resultado pode servir de instrumento para profissionais que trabalham com este público a fim qualificar as ações direcionadas à assistência em saúde.

Metodologia

Tipo de estudo

Optou-se pela pesquisa qualitativa para realização deste estudo, pois, através da análise das falas dos entrevistados, foi possível conhecer, a partir deste recorte, a particularidade do seu cotidiano de trabalho e suas imbricações na saúde e vida dos mesmos.

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Vila Dique, área de ocupação irregular, localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Esta comunidade fica localizada na região noroeste de Porto Alegre, nos arredores do Aeroporto Internacional Salgado Filho. Devido à localização da vila, próxima a fábricas, lojas e supermercados, há grande oferta de materiais para reciclagem. Para um número significativo de homens e mulheres desempregados desta comunidade, coletar estes materiais é uma das poucas alternativas de trabalho.

Instrumento

Para nossa pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A escolha do local de entrevista foi de acordo com a vontade dos entrevistados, na maioria em suas casas na comunidade. O tempo das entrevistas foi em média de 10 a 15 minutos.

Amostragem

O público-alvo da pesquisa foram os trabalhadores, catadores de materiais recicláveis, sem vínculos com a Previdência Social, residentes da Vila Dique, na cidade de Porto Alegre/RS. Foram entrevistadas 10 (dez) pessoas, cinco homens e cinco mulheres, todos maiores de dezoito anos. A opção por esta amostra de entrevistados deveu-se ao número de microáreas de saúde do território da vila, num total de 5 (cinco). Para que a amostragem fosse significativa à análise e, ao mesmo tempo, viável, multiplicou-se este número por dois.

Para a escolha dos sujeitos, foi solicitada aos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), da Unidade de Saúde Santíssima Trindade, a indicação de moradores com o perfil exigido, contemplando todas as áreas. Na sequência das indicações, verificou-se se as pessoas enquadravam-se nos seguintes critérios: maiores de dezoito anos, moradores da Vila Dique, que trabalhavam a mais de um ano com reciclagem, de ambos os sexos, que não mantinham contribuição para a Previdência Social nos últimos doze meses. Dos que preencheram os critérios, foram sorteados dois entrevistados para cada microárea.

Análise e interpretação de dados

Para análise dos dados, foram definidas categorias baseadas em fragmentos retirados do material coletado, sempre considerando o contexto e o referencial teórico relacionado. Os conteúdos da entrevista foram relacionados com a revisão teórica com o intuito de ir além do que está dado, observando o que está explícito e implícito. Entendendo que o foco da pesquisa está centrado em diferentes aspectos como trabalho, reciclagem, percepção de realidade dos sujeitos envolvidos, a abordagem utilizada foi a de análise de conteúdo referenciado por Bardin (1979, apud MINAYO, 2006).

Foram observados também todos os aspectos éticos exigidos para este tipo de pesquisa, como passar pelo comitê de ética da instituição envolvida, assim como a leitura e assinatura do Termo de Consentimento livre e esclarecido pelos entrevistados.

Resultados

Foram entrevistadas 10 pessoas, cinco mulheres e cinco homens. Três dos entrevistados já trabalham há mais de 20 anos com a reciclagem. O que trabalha há menos tempo tem 3 anos nesta ocupação.

As repostas dos entrevistados foram divididas nos seguintes itens: saúde; saúde e sobrevivência; saúde e prevenção, como segue:

Saúde

Todos os catadores fizeram relatos relacionados à doença, violência e acidente. Entre os problemas de saúde relacionados à doença foram citados, em suas próprias palavras: stress, hemorragia interna, nervos, gripe, crise renal, doença do rato e bronquite. Para o surgimento destes relatos, foi preciso questionar para além do que estava previsto no instrumento da entrevista. No primeiro momento da coleta, 80% dos entrevistados colocaram nunca terem tido algum problema de saúde relacionado a patologias. Quando perguntados se haviam ficado doentes nos últimos doze meses, algumas respostas foram as seguintes: "Nunca, só tive uma gripe"¹ (E3); "Tive crise renal, mas não por causa do lixo"(E4); "Ah, doença eu tive abaixada no Cristo (hospital), que me deu um negócio nas pernas que eu não consegui andar" (E7). Foi preciso esmiuçar mais a pergunta, estabelecendo um diálogo mais próximo para que estas pessoas se lembrassem do que já haviam passado e se questionassem sobre sua condição de saúde.

Com relação a acidente de trabalho, quatro citaram já terem sofrido. Entre os acidentes, temos: atropelamento por um caminhão quando descia da carroça, atropelamento por um carro quando puxava seu carrinho, corte nas mãos e braços no manuseio do lixo e corte nas pernas quando separava os materiais. "Nos braços eu tava com uns cortes, nos dedos também. Aí eu tinha que tá enrolando um plástico, no caso para não entrar líquido do lixo. Eu não tenho renda, né, não tenho como ficar encostado" (E9). No trabalho com a reciclagem a possibilidade de ocorrerem acidentes é constante, pois nunca se sabe o que irá encontrar dentro dos sacos de lixo. Quando ocorre algum imprevisto, estes trabalhadores dão "um jeitinho" para não interromper seu trabalho: "Eu tenho sangue bom. Quando me corto lavo com sabão, álcool, vinagre..." (E1).

¹ Utilizou-se a letra E para entrevistado e o nº para identificá-lo, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Três citaram acidentes por atropelamento enquanto trabalhavam: “Uma kombi me pegou. Aliás, uma tombadeira me pegou estes tempos, fui acidentado por uma tombadeira” (E2). Em busca de materiais que possam ser vendidos, estes trabalhadores atravessam a cidade para encontrar lugares mais propícios como condomínios residenciais, centros de compras, etc. Muitas vezes distantes de suas moradias. Os lugares escolhidos são os de maior consumo e descarte de papelão, plástico e vidro. São obrigados, portanto, a utilizar as vias públicas, dividindo espaço com carros, caminhões e ônibus para chegar a estes locais, expondo-se ao perigo constante de atropelamentos: “Só uma vez que um carro me pegou” (E1); “Só uma vez fui acidentado. Eu tava aqui na frente com a carroça e fui atropelado por um carro, quebrei o pé. Aí fiquei um tempo sem trabalhar” (E5).

Uma situação de violência foi referida:

Terça retrasada eu tava parado na Sertório (avenida), daí um cara disse pra mim que eu bati nele e veio na agressão. Daí depois eu tava no Lindóia (shopping) catando uns peti, daí o cara veio tirar as cara de novo e desceu do carro com um amansa loco. Daí eu disse “peraí meu patrão eu tenho os meu direito, não é por que eu to trabalhando na reciclagem que eu não tenho os meus direito!” [...] (E9).

É visível a dualidade contida na representação do que é o lixo. O que para uns é sobras, para outros é sustento. “[...] na cultura industrial, passou a prevalecer a utilidade funcional e com ela surgiu a questão de algo que sobra e que portanto deve ser separado, isolado, classificado” (JUNCA, 2004, p. 18). A visão negativa da sociedade sobre o lixo, algo que ela própria produz, mas quer distante dos seus olhos, reflete-se na própria relação com estes trabalhadores. Trabalhar com o que não é mais importante para sociedade é carregar o estigma atribuído também de sobra, de excluído. Ao dividir o mesmo espaço socioambiental com pessoas ditas “incluídas”, os catadores sofrem abusos depreciativos tanto no campo moral como no social, pois não são vistos enquanto homens e mulheres trabalhadores, chefes de família e que buscam neste espaço, muitas vezes por necessidade e não por opção, uma alternativa de viverem com a dignidade que for possível, algo que fica claro na continuidade deste relato:

[...] daí veio os caras, os seguranças tudo pra segurar. Disse que carroceiro são tudo ladrão, drogado, não sei o quê, não tem isso de direito. Ele não bateu naquelas, me acertou com um ferro nas perna. Daí eu fiquei assim, não tinha viatura, não tinha EPTC (Empresa Pública de Transporte Coletivo), não tinha nada. Ele poderia ter me matado e me tirado dentro do Fiorino. Daí veio um guarda e disse: “Deixa o moreno que ele é tranquilo, ele tá catando a reciclagem. Daí eles me liberaram. Na rua a tolerância é zero, tem gente que leva a briga e a loucura de casa pra rua, daí torna o negócio na rua meio “roots” (E9).

A sociedade quer seus dejetos distantes assim como aqueles que vivem disto, criando mais um apartheid social.

Saúde e sobrevivência

Do total de entrevistados, seis não puderam trabalhar devido as situações já relatadas acima. Para garantir a sobrevivência da família, sendo que nenhum estava assegurado pela Previdência Social, a maioria conta com a ajuda dos companheiros e/ou da família. Também apareceu nas respostas a ajuda de vizinhos e de uma pequena poupança: “Bah, eu sempre tive quem me ajudasse, assim pra trabalhar, caminhar. A vizinhança, os parentes, sempre teve quem me ajudasse” (E1); “Eu me virei com um dinheiro que eu tinha guardado” (E5); “Quando eu fiquei em casa parada, só meu marido trabalhava. E depois eu voltei aos poucos limpando o lixo que ele trazia. A gente vivia só do trabalho dele” (E7). Nenhum dos entrevistados procurou neste período algum benefício através do Estado, alegando descrédito com o mesmo: “Não, né, não adianta mesmo. O governo não faz quase nada, pra gente não adianta nada correr atrás deles” (E2). O crescimento da modalidade informal de trabalho provocou o surgimento de uma massa trabalhadora que não tem com quem contar a não ser consigo mesma. Isso cria um descrédito em relação ao papel do Estado com a sociedade, impedindo, inclusive, que este seja cobrado em suas responsabilidades.

Outros entrevistados responderam não ter parado de trabalhar apesar da reconhecida necessidade de preservarem sua saúde nestes momentos. Observa-se a forma mais perversa de inclusão destes sujeitos no mercado de trabalho informal: “Se eu não trabalhar, quem vai trabalhar por mim?” (E4).

Eu dependo de mim mesmo. Não tem como parar. [...] É a pior coisa o cara tá lesionado e saber que tem que pagar as compras, pede ajuda pro pai, pra mãe, pra algum parente, ou tem que trabalhar. O cara fica com aquele sentimento loco que tem que trabalhar. Eu tô aqui, mas tô pensando na conta de R\$ 150 (reais) que eu tenho que pagar (E9).

Saúde e prevenção

A maioria respondeu não utilizar nenhum meio ou instrumento para se prevenir de acidentes de trabalho. O principal motivo relatado é a não adaptação do uso e a diminuição na produção. O uso de luvas, segundo um entrevistado, tira a sensibilidade da mão no tato com o lixo: “Não uso nada. Atrapalha muito e eu já tô acostumada” (E8). A pressa na seleção dos materiais não permite estes trabalhadores refletirem na necessidade de se proteger, já que no momento a necessidade é produzir para garantir ganhos suficientes.

Os demais (quatro entrevistados) referiram usar luvas, botas e até mesmo medicação: “Eu tomo Diazepan, metade de manhã, metade à noite. Se eu não tomar, eu tenho crise que fico dura” (E1). Um catador demonstrou o reconhecimento relacionado ao risco eminente de atropelamento: “Eu não uso nada pra me proteger. Só cuido as sinaleiras. Eu tenho muito medo de ser atropelada” (E7). Em outra entrevista, o catador relacionou o uso de botas com uma situação ocorrida no Galpão de Reciclagem da comunidade, onde houve contaminação de hepatite:

Eu uso botas. É que o cara é avulso. Eu dizia pro cara lá do galpão que eu trabalhava antes que se um cara se machucasse nem vendendo o caminhão ele pagava. Eu uso o que tiver pra trabalhar. Até quando eu ponho uns caras pra me ajudar eu dou luva, mas eles dizem não, não dá pra trabalhar direito, segurar o lixo, não sei o quê... eu conheci a finada lá do galpão que morreu de hepatite (E9).

Perigoso ou não, o sentimento revelado por todos é que é preciso continuar trabalhando, seja como for, com ou sem proteção. A importância de se proteger é sabida por todos, mas não está inserido no dia a dia de trabalho, provavelmente pela precariedade que cerca dialeticamente esta atividade e a própria condição social dos mesmos.

Discussão

O catador de material reciclável foi uma das categorias que mais cresceu nos últimos anos. São homens, mulheres e crianças cruzando diariamente ruas e avenidas em cima de suas carroças, puxando carrinhos ou simplesmente carregando sua “matéria-prima” dentro de sacolas em seus ombros. São famílias que não encontraram no mercado de trabalho formal uma oportunidade digna (indigna por não ter direitos reconhecidos) para exercer algum ofício, e que encontraram no lixo uma alternativa para garantir seu sustento.

Inseridos neste universo, estima-se que no Brasil 500 mil pessoas são catadores de materiais recicláveis (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Apesar do reconhecimento do tema para a questão do meio ambiente e, também, como alternativa lucrativa para empresas, o trabalho com a catação se dá de forma extremamente precária como ilustraram os resultados desta pesquisa. Estes trabalhadores atuam na ponta da cadeia produtiva onde circula o lixo, porém esta colocação se reduz a um vínculo informal, sem acesso à remuneração ou a qualquer outro direito trabalhista. Para Birbeck (1978, apud MEDEIROS e MACEDO, 2006), o trabalho autônomo dos catadores (ou autoemprego) não deixa de ser uma venda da sua força

de trabalho à indústria da reciclagem, sem, contudo, estabelecer um contrato de trabalho e ter acesso a direitos trabalhistas.

Estes catadores recolhem de lixões, lixeiras e das próprias ruas, o material a ser separado. Separam o que pode ser aproveitado como o vidro, o plástico, o papel, entre outros que chamamos de lixo seco. Levam este material aos chamados sítios de reciclagem, formados por meio de cooperativas ou, na maioria das vezes, por intermediários conhecidos no meio como atravessadores ou sucateiros. Estes últimos são donos de galpões que “preparam” estes materiais para serem vendidos às indústrias que então os transforma em um novo produto a ser consumido.

Visto que o trabalho, na maioria das situações, ocorre autonomamente, sem uma organização entre o grupo, mesmo sabendo dos riscos que eles correm – embora nem mesmo saibam da trágica dimensão do mesmo em termos de saúde – estes trabalhadores seguem sua marcha porque não têm outra forma de sustento, ficando à mercê da falta de respeito e da ausência de direitos e informações. Assim, a resistência que muitas vezes se observa ao uso de algumas medidas de proteção, que poderiam evitar prejuízos à sua saúde, é produto não do descaso destes trabalhadores para com as medidas necessárias, mas do descaso do Estado para com os mesmos. É importante também colocar que, com o baixo rendimento provido através desta ocupação, alguns instrumentos de proteção, além de significar custos, podem diminuir o rendimento no momento da execução da tarefa.

Ficam, portanto, isolados entre duas políticas: para Previdência Social, só tem direito quem contribui; os programas da política de assistência social estão cada vez mais focalizados na população miserável do país e não visam a uma mudança estrutural que realmente inclua estas pessoas. A política de saúde, a única de acesso universal no campo da seguridade social, é a mais citada como recurso acessado entre os entrevistados. Exige, portanto, que esta política não resolva todos estes problemas, mas se volte a esta população com um maior conhecimento desta realidade e que esta influencie na gestão dos cuidados a estas pessoas.

Saúde e reciclagem: uma combinação possível?

Os trabalhadores da reciclagem estão inseridos num ciclo econômico altamente rentável, mas não para eles. Apesar de desenvolverem uma atividade fundamental neste mercado, os catadores realizam seu processo de trabalho num contexto caracterizado pela ausência total de proteção social que os coloca em uma posição de risco tanto social como físico (de saúde). Ao revirarem lixeiras à procura do que pode ser sua matéria-prima, os catadores ficam em contato direto e diário com materiais que podem provocar sérios danos à

sua saúde. Eles têm os seus corpos expostos à contaminação de produtos químicos, materiais perfurocortantes, animais mortos, lixo hospitalar, além de acidentes por atropelamento em vias públicas (CAVALCANTE, 2007).

Partindo do ponto de vista de que a concepção de saúde extrapola a condição de ausência de doença, compreendida enquanto qualidade de vida e que contempla condições de vida (sociais, biológicas, ambientais e psicológicas), para este recorte da população, estes três aspectos são interferidos de forma negativa pelo tipo de trabalho degradante que executam. Do recorte de dez entrevistados, quatro referiram já terem sofrido acidentes de trabalho.

O aspecto social, como já foi referido anteriormente, é determinado pelo próprio contexto de trabalho: informal, sem salário, sem proteção previdenciária. O fato de utilizarem o lixo, produto já descartado pela sociedade e que deve ser posto em locais distantes, tanto devido ao cheiro que exalam como pelo aspecto, estes catadores carregam o estigma do seu próprio objeto de trabalho, sendo considerados estorvos quando cruzam as ruas e avenidas da cidade. Em função do baixo retorno financeiro, residem, em sua maioria, em comunidades irregulares, sem infraestrutura ambiental ou saneamento básico de qualidade, como é o caso da Vila Dique. Nesta comunidade, a reciclagem prevalece como atividade principal das famílias que ali residem. A separação do lixo é feita em suas próprias casas ou quintais e o que é descartado para venda, se acumula nestes espaços pela falta de coleta de lixo.

Forma-se um círculo vicioso onde trabalho, habitação, alimentação, saúde e outros tantos direitos ficam circunscritos em um espaço de precariedades, tornando-os particularmente vulneráveis ao aparecimento de doenças e ao seu não tratamento ou tratamento inadequado (JUNCÁ, 2004, p. 14).

A baixa escolaridade e a falta de acesso a informações sobre medidas preventivas é também uma característica agravante para estas pessoas, pois podem provocar “atitudes opostas, ora de indiferença, ora de alarmismo, ambas com desdobramentos desfavoráveis no campo dos cuidados à saúde” (p. 15). Para a maioria dos sujeitos desta pesquisa, não é presente o uso de meios ou instrumentos de proteção, apesar de conhecerem os riscos presentes na atividade que executam. A necessidade de garantir sobrevivência para “hoje” sobrepõe-se a um reconhecimento mais crítico dos males causados à saúde de médio a longo prazo.

Danos à saúde mental são constantes, pois esta ocupação é ainda pouco aceita pela sociedade. Estes sujeitos sofrem em seu cotidiano discriminação e até mesmo humilhação pelo trabalho que realizam. Não é comum o apoio maciço da população a projetos de lei que proíbem a circulação de carroceiros e carrinheiros pelas ruas dos centros urbanos, mais pelo

fato dos transtornos causados no trânsito do que pela própria situação degradante vivida por estes sujeitos. Para exemplo, como relatado em uma das entrevistas, um catador sofreu agressão física de um motorista enquanto trabalhava. Além disso, as agressões de cunho moral também sofrida nesta ocasião foram focadas no estigma que estes trabalhadores carregam: mendigos, marginais, sujos, ladrões, etc.

No campo biológico e ambiental, é constante a possibilidade para os catadores de contaminação via oral de gases e odores emanados por resíduos; picadas de insetos e mordida de animais, pelo contato pela pele com substâncias químicas tóxicas, lixo hospitalar e restos de animais mortos. Para Rodrigues (apud JUNCA, 2004), o lixo

[...] funcionando como abrigo e local propício à proliferação de animais, pode se configurar como uma importante via de transmissão de doenças como peste bubônica, tifo, leptospirose, salmonelose, febre amarela, malária, dengue, leishmaniose (2004, p. 14).

Há também o contato com materiais como vidros quebrados ou outros objetos pontiagudos que podem causar corte na pele. O não uso ou o uso incorreto de instrumentos de proteção agravam ainda mais esta situação. Não é preciso citar todas as doenças em que estão sujeitos através do lixo, pois a própria precariedade deste processo de trabalho já alerta para a necessidade de uma atenção diferenciada a esta população.

Considerações finais

É fato a existência de impactos à saúde e à qualidade de vida destes sujeitos devido ao modo de inserção no campo de trabalho como foi revelado através desta pesquisa. O risco é de múltiplas facetas, desde o mais visível, como a insalubridade dos espaços de trabalho, até o mais ignorado, como a violência e intolerância da sociedade.

Certamente, este estudo não deve encerrar-se em si – e nem tem esta pretensão – deve sim, instigar um olhar mais analítico e sensível a esta realidade para que os catadores de lixo urbano não continuem sofrendo com o descaso, visto todos os problemas que já enfrentam.

É fundamental para os trabalhadores da saúde a apropriação das condições sociais da população que acessa os serviços de saúde. Devemos e podemos ficar mais atentos a esta realidade a fim de possibilitar a prestação de serviços mais qualificados, reorientados pelos princípios da prevenção e promoção em saúde. A equidade ocorrerá neste caso se a assistência prestada estiver em consonância com o desejo e necessidades reais destes usuários. A integralidade, princípio tão discutido, deve ser levado a cabo enquanto valor norteador das

práticas em saúde, com a função de organizar estas práticas para além da doença em si. A integralidade impulsiona o trabalhador da saúde a ter um olhar diferenciado sobre saúde, exigindo que se abram outros horizontes numa dimensão dialética contrária à segmentação. Como refere Mattos (2006), não é aceitável que os serviços de saúde atendam somente demandas de doença, mas devem se organizar para realizar uma intervenção ampliada de acordo com as necessidades sociais da população, pois ambas são aspectos indissociáveis.

Portanto, para os Serviços de Saúde que atendem esta população, fica a orientação para criação de uma ação programática voltada a estes trabalhadores, que contemple também outros aspectos que não foram possíveis abordar neste estudo. Torna-se essencial a incorporação de ações que visem à melhoria das condições de trabalho no que tange tanto à prevenção de acidentes como à possibilidade de criação de uma rede entre os próprios catadores de autocooperação.

Referências

- CAVALCANTE, Sylvia. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, mar. 007.
- GONÇALVES, Raquel de Souza. *Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ENSP, 2004.
- JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura. C. M. *Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. 250 p.
- POCHMANN, Márcio. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATTOS, Ruben Araújo de. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo (Org.). *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: LAPPIS, 2006.
- MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de; MACEDO, Kátia Borba. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, maio/ago. 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- SERRA, Rose Mary Souza. Enfrentamento do desemprego/subemprego - alternativas de trabalho/renda na atual conjuntura brasileira. In: FREIRE, Lúcia B.; FREIRE, Silene de Moraes; CASTRO, Alba Tereza Barroso de (Org.). *Serviço Social, política social e trabalho: desafios e perspectivas para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2006.